

Bial de São Paulo: o maior certame artístico...

(Conclusão da última página)

de repente se transforma no centro mundial das artes visuais. Voltam-se para nós — desde há alguns anos verdadeira potência cultural — os olhos do mundo. Importamos o que há de melhor, e começamos a exportar — como queria Oswald de Andrade, que lamentavelmente não conheceu as bienais. Mostramos o que temos em arte, e provamos que temos do melhor. E o mundo inteiro homenageando-nos manda, por sua vez, o que tem de melhor. As nações porfiaram por se colocarem na primeira fila da cultura, e o palco é São Paulo. A emulação ferve no ar. Países como a França e a Itália procurando manter, a todo custo, um prestígio milenar. Outros, como a Alemanha e a Espanha, dando tudo para restabelecê-lo. Outros, como os Estados Unidos e o Brasil, apresentando suas provas de título, com as quais procuram ombrear-se aos precedentes, se possível passando-lhes a frente. Sem falar na emulação individual, tão salutar ao progresso artístico. E sem considerar a educação popular: aqueles milhares de pessoas subindo e descendo as rampas e escadas rolantes, tomando contato direto com uma arte que, ainda há poucos anos, era um motivo de espanto.

A Bial de São Paulo já se transformou numa responsabilidade nacional. Começando quase que só com os esforços individuais de Cícilo e Yolanda Matarazzo, a Bial deste ano já é fruto de um esforço nacional, no qual se combinaram nossas grandes instituições. Qualquer deficiência, no futuro, só poderá redundar no descrédito de nosso país.

A INAUGURAÇÃO

Repleto o grande salão onde se realizaria a inauguração, com os artistas premiados e dezenas de outros arquitetos, pintores, poetas, escritores, gravadores, desenhistas, gente de teatro, críticos. O mundo social, de São Paulo e do Rio. Diplomatas de todos os países. Membros das delegações estrangeiras. Políticos, jornalistas. Em torno da sala e por toda parte, milhares de pessoas invadindo as muitas salas, antes mesmo da inauguração.

Pelas doze horas, chegam o presidente Kubitschek, o governador Jânio Quadros, o prefeito Ademar de Barros, os ministros Macedo Soares, — cujo apoio foi decisivo para a IV Bial — Clóvis Salgado e Lúcio Meira, membros do gabinete da presidência, diplomatas, personalidades do governo estadual, etc. Grande aglomeração e maior confusão dificultou o início dos trabalhos. Finalmente, às 13,35 exatamente, o sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo e da IV Bial deu início aos trabalhos, pronunciando o seguinte discurso:

"Excelentíssimo senhor presidente da República. Neste Parque Ibirapuera que foi criado para as comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo e que se transforma no logradouro das manifestações de arte e das grandes exposições internacionais, realiza-se a IV Bial de São Paulo.

Depois de 6 anos da inauguração da primeira, torna-se evidente pelas suas proporções a importância sempre crescente desta manifestação de arte e cultura, apontando o Brasil como único centro coordenador no continente neste setor.

Vossa excelência senhor presidente Juscelino Kubitschek que tem dado decisivo apoio ao desenvolvimento das artes contemporâneas, tem também, marcado no seu governo um interesse especial pelo desenvolvimento da arquitetura e urbanismo.

A Primeira Bial reuniu 21 países, a segunda 35, a terceira 37 e esta 43, além da participação de mais de 200 inscrições de arquitetos e escolas de arquitetura brasileiras e estrangeiras. Nesta oportunidade vossa excelência inaugurará, também, a Bial de Teatro, a primeira a realizar-se no mundo e da qual participam 16 países. E ainda as duas salas contendo as magníficas obras dos grandes artistas patrióticos Brecheret e Segall. De extraordinária importância, também, é a Exposição de quatro mil anos de Vidro.

A IV Bial tem o patrocínio da Prefeitura de São Paulo e o apoio pessoal do Ilustre senhor Ademar de Barros. A Bial de Teatro contou com a colaboração decisiva do eminente governador Jânio Quadros.

Senhor presidente da República: Desejo em nome da diretoria do Museu de Arte Moderna, agradecer a honrosa presença de vossa excelência a esta inauguração e a participação efetiva do vosso governo, que nos momentos mais difíceis da

organização da exposição, através dos eminentes ministros José Carlos de Macedo Soares e Clóvis Salgado, que vieram ao nosso encontro tudo facilitando, para que ela fosse uma realidade. Ao vosso grande ministro das Relações Exteriores, o ilustre paulista José Carlos de Macedo Soares devemos a contribuição preciosa dos prêmios para os artistas estrangeiros, através da Divisão Cultural do Itamarati.

Ao ilustre ministro da Educação e Cultura a sugestão para que vossa excelência encaminhasse ao Parlamento Nacional a mensagem em que encarece a importância do certame que realizamos, solicitando o necessário apoio financeiro.

Em nome, ainda, da diretoria do Museu de Arte Moderna de São Paulo trago os melhores agradecimentos aos ilustres embaixadores acreditados junto ao nosso governo, que nos honram com a sua presença, e aos delegados que aqui vieram a certeza de que o Museu de Arte Moderna de São Paulo guardará seus nomes e de seus países como fatores preponderantes do êxito da IV Bial."

A PALAVRA DE JUSCELINO

Falou, em seguida, o presidente da República, cuja oração reproduzimos também na íntegra:

"Quis comparecer pessoalmente à inauguração da IV Bial de S. Paulo para que, bem nítido, ficasse demonstrado o interesse do Estado brasileiro numa exposição da importância desta, cujo êxito, num crescendo incessante, vem patentear, de forma lisonjeira, que o adiantamento artístico de nosso povo acompanha as mais evoluídas e, mesmo, ousadas manifestações de arte.

Podemos orgulhar-nos do desenvolvimento que atingimos neste particular, no Brasil.

Já não se espanta ou reage o povo, com brutalidade, diante das formas novas que se apresentam constantemente a maneira de ver e sentir o conteúdo do mundo, ao revés, vamos verificando que está amadurecendo o entendimento de todos, que nos aproximamos de uma época em que os realizadores mais avançados encontram quem os abrigue e anime, quem de verdade sinta o que desejam exprimir.

Já começam a rarear os meios inadequáveis aos gênios, aos artistas renegados, aos que enfrentaram o martírio dos tempos difíceis, aos que atravessaram durante a vida o deserto, àqueles cujos frutos, só depois de ausentes, a glória, como um verdadeiro sol dos mortos, aqueceu e iluminou.

Não há hoje experiência que não possa ou não deva ser tentada; não há ousadia em matéria de arte que não tenha ressonância. Os pioneiros deixaram de ser tratados com rigores excessivos, quando não com monstruosa hostilidade.

Já não há Van Gogh isolado, desdenhado, com obras-primas sem comprador. Já não há artista padecendo de solidão sem ouvir o eco de suas obras. Ao contrário, a divulgação das lições do passado, dos crimes cometidos pela incompreensão militante contra grandes artistas maltratados, não só produziu o receio de errar, o medo de não ver certo, a desconfiança sobre o valor da simples opinião, mas ainda agiu no sentido de conter, reduzir, enfraquecer a prepotência dos que se atribuíam o direito de julgar de maneira decisiva sobre o que não logravam perceber.

Passou a hora de um qualquer ter a veleidade de subestimar um Wagner, ou de pilheriar de um quadro. A glória dos que serviram de objeto de desdém do público, no dia de ontem, impõe respeito nos dias que correm. Os artistas, vítimas de impropérios, ocupam lugares os mais notáveis nos museus, defendem, com suas vitórias póstumas, as novas gerações de criadores que não se limitaram a repetir o que outros fizeram, mas se esforçam por imprimir, nas produções, a própria marca, e a marca de um tempo.

O temor do ridículo no julgamento da posteridade, a que se fizeram imunes os bem-pensantes do fim do século passado, tornando impossível a vida dos impressionistas — esses lúcidos artistas do ar livre que o futuro veio a consagrar mestres do equilíbrio — esse temor do ridículo emudece os menos sensíveis de hoje.

Mas não é apenas isso. É que a arte voltou a ser o que fora em épocas augustas: não somente monopólio dos ricos, mas bem comum do povo.

O povo, agora, participa da vida artística, adere, discute, sente, percebe, realiza, verifica. Não sobreviveu à ditadura do pequeno espírito acanhado, a ditadura do gosto meramente apurado, cujo fundamento eram os bens da fortuna. A arte já não é unicamente deleite e distração da sociedade, enlévo e capricho de ricos; já não é uma ilha, abrigo de diletantes em férias, mas interpretação do mundo, manifestação do poder, de ansiedade, de alegria, e de plenitude dos anseios do homem em face do mistério da vida humana.

A minha presença nesta IV Bial de São Paulo traduz a integração do Estado brasileiro na orientação que se imprimiu a este certame, orientação do respeito à liberdade criadora do artista, o que significa, em outros termos, que o criador é que sabe o que pode e deve fazer com a sua criação; que não há oposição que resista à força do artista, configurador de um mundo.

Não me aventuro a pronunciar-me em matéria de arte. Lembro apenas que tenho estado atento e receptivo ao sópro do mundo, artística que percorre o mundo, e que não é de hoje o meu amparo ao que anima esta Bial.



D. Yolanda Penteado Matarazzo recebeu admiravelmente seus convidados. No clichê com a representante do Museu de Arte Moderna do Rio, sra. Carmen Portinho

Que ressaltar, também, o que vale esta mostra como vitória de arte, como fidelidade a uma expressão universal.

Quarenta e três países concorrentes, de tendências as mais desencontradas, nela se associam e se harmonizam.

A Bial é uma espécie de vátoria comum de idéias, de modos de ver, de choques e afirmações do tempo presente. O critério que regula esta famosa exposição é o da qualidade. Figurativos, concretos, tachistas, filhos de todos os quadrantes do mundo se apresentam e se representam aqui.

Sabemos que as escolas surgem e desaparecem; que as convicções artísticas mais ardentes são tão perecíveis como as próprias civilizações. Salvam-se e resistem ao grande júri, ao júri supremo, que o tempo, os reais valores humanos, os artistas enraizados profundamente na verdade, os que revelaram uma nova e diferente face do mundo.

A Bial procura os valores permanentes e não as escolas ou as convicções efêmeras.

Inegavelmente, honra-se o Brasil em abrigar esta magnífica exposição. Honra-se São Paulo. Não poderia deixar de apoiá-la o meu governo, cuja presença, na pessoa de seu chefe, exprime compreensão ao esforço de homens da envergadura de Francisco Matarazzo Sobrinho e de muitos outros que se nutrem da superior ambição de estar a serviço da elevada causa do aprimoramento espiritual e cultural dos brasileiros."

OS PRÊMIOS

Silenciados os aplausos que se seguiram à fala presidencial, o sr. Lourival Gomes Machado, da diretoria da Bial, fez a chamada dos premiados, que receberam seus prêmios, regulamentares e especiais, da mão do presidente da República. O primeiro a receber o prêmio foi Giorgio Morandi, "Grande Prêmio São Paulo" (trezentos mil cruzeiros), representado pelo embaixador de Itália no Brasil, sr. Elessio D'Ajetta. Seguiram-se os embaixadores da Grã-Bretanha, Estados Unidos, França, Suíça, Holanda, Bélgica e Japão, recebendo os prêmios que couberam a artistas dos respectivos países, e os artistas brasileiros premiados, quase todos presentes.

JUSCELINO FALA A IMPRENSA

Terminada a premiação, o presidente, acompanhado de Cícilo Matarazzo e de membros do gabinete, cercados de jornalistas e de personalidades, percorreu parte da exposição, detendo-se alguns momentos na exposição "4.000 anos de vidro" e nas retrospectivas de Segall e Brecheret. Nesta sala, abordado por um jornalista, declarou:

"Esta iniciativa coloca em alto nível a cultura brasileira. A Quarta Bial faz do Brasil um país de especial expressão artística. É obrigação de todos fazer com que a Bial de Arte de São Paulo continue a progredir.

Na Sala Brecheret o presidente interrompeu sua visita e deixou o Ibirapuera, dirigindo-se à cidade, onde realizou algumas inaugurações.

ADHEMAR E JÂNIO

Falando também a reportagem, o prefeito de São Paulo declarou ter dado todo o apoio à Bial: "prélio, e assistência moral e material". Acrescentou: "O monumento que hoje visitamos é patrimônio do povo e como tal merece ser incentivado. São Paulo deve reconquistar o papel que já teve, de Capital artística do país".

A uma pergunta (indiscerta) sobre o concretismo, respondeu:

"Aprecio todas as artes em conjunto e todos os estilos. Cada um possui algo de valioso e não sou exclusivista em arte, como não sou chauvinista nem xenófobo em meus sentimentos nacionalistas.

A mesma pergunta, Jânio — mais sincero — respondeu:

"Talvez entre numa escola de educação artística para entendê-la..."

FALAM OUTRAS PERSONALIDADES

Enquanto as autoridades percorriam o que podiam das exposições, os artistas, concentrados em pequenos grupos, comentavam a Bial. Opinião unânime: a Quarta está no mesmo nível da Segunda, da do Quarto Centenário. Esta, evidentemente, vai ser sempre difícil de superar, porém a deste ano não lhe fica muito a dever. Outra opinião unânime: emitida por quantos conhecem os certames semelhantes da Europa, a Bial é, atualmente, a maior e a melhor do mundo. Esse simpático Alfred H. Barr, Jr. por exemplo, Comissário da Delegação Americana, declarou-nos, textualmente:

A Bial de São Paulo é tão importante quanto a de Veneza e parece-me melhor proporcionada. As diversas delegações estrangeiras aqui se encaixam melhor representadas que lá — com raras exceções — e em mais justa proporção. Acho, apenas, que devia haver mais arte brasileira.

De acordo com Barr esteve Porter McCray, diretor do Conselho Internacional e o Programa Internacional do Museu de Arte Moderna de Nova York, falando na "base igual para todas as nações" ofereceu na Bial de São Paulo. E, também, textualmente, achou-a "mais interessante que a de Veneza".

Numa roda, encontramos Niemeyer e Di Cavalcanti, que acabavam de chegar de acidentadíssima viagem a Brasília, no "Viscount" presidencial. Niemeyer, tinha ali tudo para ser o dono da festa: o Ibirapuera é dele, a casa é sua e, logo na entrada do enorme pavilhão, a exposição das maquetes (belíssimas) do que já está projetado para Brasília... Di Cavalcanti ainda eufórico por causa das comemorações de seu aniversário, que, segundo a revista "Time", o deixaram "quebrado". Falou de Morandi:

— É ótimo, o prêmio não deixa de ser justo, mas, por Deus, é um "petit maître". Não prevalece junto de Chagall, por exemplo. Não tem a medida. O Júri saiu-se muito bem, pela lateral, considerando Chagall "hors concours". Aliás, o prêmio a Morandi já estava decidido há muito tempo. Já em Veneza todo o mundo sabia que o homem ia ganhar em São Paulo...

E o Itinerário:
— Posso publicar isso?
— Pode. Depois, se eu quiser, desminto...

Falamos a Mr. Beatty, do British Council, sobre o Grande Prêmio. Disse-nos que os ingleses estão satisfeitos. Não esperam mais do que obtiveram, o "melhor pintor estrangeiro" para Ben Nicholson. E gostaram também da enorme repercussão que a bela representação inglesa vem obtendo.

Ouvimos, também, diversos artistas, brasileiros e estrangeiros, diplomatas e membros das delegações. A satisfação era geral: ninguém se sentia injustiçado, não ouvimos uma reclamação, uma discordância mais seria. Parece que o barulho foi todo antes... Uma ou outra preferência pessoal, mas o prêmio a Morandi está consagrado. Um dos poucos críticos litantes presentes, Flávio de Aquino, declarou-nos estar inteiramente de acordo. O mesmo nos disse Ferreira Gullar. E também a nossa opinião de cronista: não há quem não admire a exibição desse nível.

Consegue, com métodos contemporâneos, o mesmo efeito de equilíbrio, recriação e totalidade dos grandes mestres da renascença de seu país.

A Bial, não há dúvida, é um sucesso.

PERCORRENDO A EXPOSIÇÃO

Antes de partir para a Fazenda "Empyreo", onde Yolanda Penteado Matarazzo iria receber o presidente da República — demos uma ligeira volta pela Bial. Era a primeira vez, este ano, e tivemos tempo de ver muito pouco. Impressionou-nos, desde logo, a bela organização e a alta qualidade da Sala de Segall. O querido e grande pintor, que tanto lamentamos, ali estava em toda a sua glória: os óleos, os desenhos, as gravuras, as esculturas. Segall vivo, muito vivo. Outra maravilha: o grande "placard" onde se expõem os quatro belos quadros de Ivan Serpa. Trabalhos em toda a linha, dos três grandes, desse formidável Frans Kraciberg, que conseguiu vencer. A gravura brasileira também estava excelente bem como os desenhistas.

Os estrangeiros. A grandeza evidente de Chagall, o seu mundo de sonhos, a sua "poesia". A maravilhosa delegação alemã, sem dúvida alguma a mais "importante" de todas, embora predominada pelo seu aspecto predominantemente histórico. Ali estavam, reunidos, quadros que é muito difícil ver em conjunto: Albers, Bill Feininger, Kandinsky, Klee, Schlemmer, Bayer, Pedagogica, histórica, artisticamente, talvez seja este o ponto alto da Quarta Bial.

A bela organização da representação americana também muito nos impressionou. É uma oportunidade incomparável, ver em conjunto de 29 telas de Pollock, Kline, dos outros, foi quem mais nos chamou a atenção.

Visitamos rapidamente a sala de Morandi. Não há dúvida que recebeu o grande prêmio. É evidente a importância, a grandeza, a linha por eles marcada. Não há tempo de ver os espanhóis. Todos afirmam sua grande qualidade. Vimos, também, as pres-